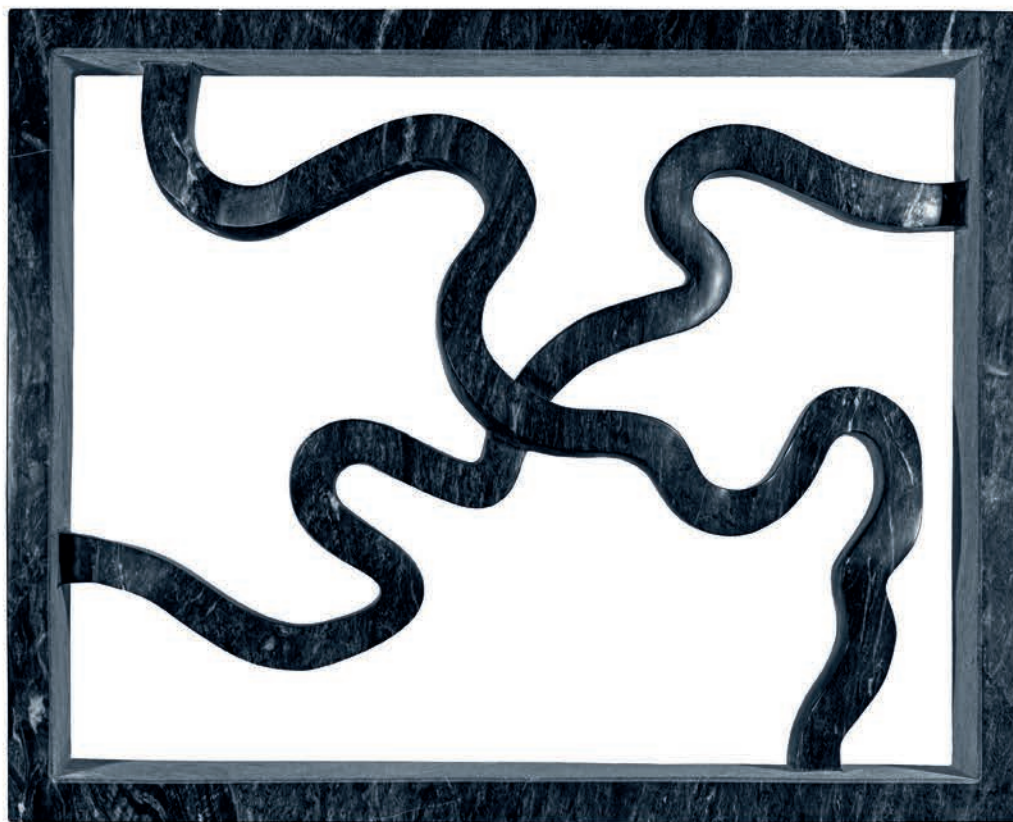




LA METAMORFOSIS
DEL MOVIMIENTO
RICARDO GIGANTE

EXCELENTÍSIMA DIPUTACIÓN DE BADAJOZ

Ilma. Sra. Presidenta
Raquel del Puerto Carrasco

Diputado de Cultura, Deportes y Juventud
Ricardo Cabezas Martín

Director Área de Cultura, Deportes y Juventud
Manuel Candalija Valle

EXPOSICIÓN

La Metamorfosis del movimiento

Sala de Exposiciones Vaquero Poblador
El Hospital - Centro vivo
C/ Pedro de Valdivia s/n
Del 3 de septiembre al 19 de octubre de 2025

CATÁLOGO

Presentaciones

Ricardo Cabezas Martín
José Luis Hinchado Morales y Francisco García Fernández
Thierry Proença dos Santos
António Manuel Prata Coelho

FOTOGRAFIAS

sus autores

© Para esta edición:
Diputación de Badajoz y Ricardo Gigante

Diseño, impresión

Indufrafc Digital, S.L.
Tel. 924 27 35 84
www.indugraficdigital.com

DEPOSITO LEGAL: BA-000460-2025
Impreso en España.

Reservados todos los derechos.
Queda prohibida la reproducción total o parcial
de esta obra sin permiso expreso de la propiedad
del Copyright.

RICARDO GIGANTE

LA METAMORFOSIS
DEL MOVIMIENTO



**DEL 3 DE
SEPTIEMBRE
AL 19 DE
OCTUBRE**

**Sala de Exposiciones
Vaquero Poblador
(El Hospital Centro Vivo)**



RICARDO CABEZAS MARTÍN

Deputado de Cultura, Desportos e Juventude

Este catálogo reúne, sob o título Metamorfose do Movimento, uma seleção representativa da obra escultórica realizada a partir dos belos blocos de mármore uniforme e sem veios com que trabalha Ricardo Gigante. Trata-se de uma produção singular, esculpida com extraordinária sensibilidade, que reflete inquietações artísticas ligadas ao movimento e à percepção que nós, espectadores, podemos experimentar diante dessa ilusão cinética. Como o título sugere, todo o processo é uma transformação contínua (premissa fundamental de qualquer criação artística) – desde o momento em que o artista seleciona a matéria-prima (mármore de Vila Viçosa, por exemplo) e começa a esculpir essa pedra bruta, dura, rígida e fria, até culminar numa proposta que nos interpela e sugere, magicamente, a possibilidade do movimento, enquanto reinventa formas que desafiam a gravidade e exploram a abstração.

Este é o universo do escultor português Ricardo Gigante, artista de trajetória consolidada, mantida com inabalável exigência e qualidade ao longo dos anos. É com grande prazer que apresentamos a sua obra na Sala Vaquero Poblador da Diputación de Badajoz, numa necessária homenagem à criação artística de nossos vizinhos portugueses – de quem sempre temos muito a aprender. Sem dúvida, nos surpreenderá. Que este catálogo sirva como testemunho dessa jornada, e que o público se sinta convidado a mergulhar neste espaço de volumes e luz.

RICARDO CABEZAS MARTÍN
Diputado de Cultura, Deportes y Juventud

Este catálogo recoge, con el título de Metamorfosis del movimiento, una nutrida selección de la obra escultórica realizada a partir de las hermosas piezas de mármol uniformes y sin vetas con las que trabaja Ricardo Gigante. Se trata de una obra muy peculiar y labrada con una especial sensibilidad, reflejando unas inquietudes artísticas que tienen que ver con el movimiento y con la percepción que, como espectadores, podamos llegar a experimentar de ese movimiento. Como su título parece sugerir, todo el proceso es un proceso de cambio y transformación (premisa fundamental en toda creación artística), desde el momento en que nuestro autor selecciona el mejor material de partida (mármoles de Vila Viçosa, por ejemplo) y comienza a esculpir o transformar ese material en bruto, duro, tosco, rígido, frío, hasta culminar en una propuesta artística que nos interpela y nos sugiere, mágicamente, la capacidad

del movimiento, al tiempo que se reinventa en formas que desafían la gravedad y exploran la abstracción.

Y ese es el caso del escultor portugués Ricardo Gigante, artista de larga trayectoria, sostenida tanto en el tiempo como en sus niveles de calidad y autoexigencia, cuya obra tenemos el placer de mostrar en la Sala Vaquero Poblador de la Diputación de Badajoz, en una mirada necesaria hacia la creación artística de nuestros vecinos portugueses, de quienes siempre tenemos mucho que aprender. Sin duda nos sorprenderá. Quede constancia de todo ello en este catálogo, y quede el público invitado a sumergirse en este espacio de volúmenes y luz.

Aprendemos em crianças as noções mais básicas que correspondem aos reinos animal, vegetal e mineral, sendo este último merecedor de uma característica tão categórica no seu enunciado quanto misteriosa e inquietante, aos nossos olhos infantis: os minerais, sintetizados todos na ideia de pedra, são inertes; ou seja, não só são corpos sem vida, como também nunca a tiveram e jamais a terão. Nada a objetar: falou a Ciência, e o seu veredicto, avalizado por séculos de investigação, não é dogma, mas fruto do conhecimento e da experiência sensível e comprovada.

No entanto, eis que, ao lado da Ciência, também a Arte investiga, brinca e se compraz em pôr em marcha os mecanismos da experiência sensível e do conhecimento. Com o seu próprio código, com a sua própria linguagem - necessariamente artística (artificial, não natural; elaborada, não irrefletida; nova, sempre distinta, sempre peculiar, sempre um desafio de expressão e compreensão) -, a atividade artística pode chegar a dar vida. Este é o caso da maior parte dos artistas de qualquer parte do mundo, sem que seja necessário estabelecer rankings absurdos, geralmente associados a critérios de qualidade muito duvidosos e a critérios comerciais muito claros, ditados por não sabemos o quê ou quem, e sem que seja preciso procurá-los muito além do nosso entorno.

Quando não um deus, não um semideus, não um demiurgo, não um herói, não uma ~~impostura admitida~~ como inteligência artificial, mas sim um simples homem ou mulher - ou nada menos que um homem ou uma mulher - é capaz de dar vida ao que é inerte, estamos perante um verdadeiro artista. Um criador ou, se se preferir, um Criador, cujo trabalho transformador traz na sua essência o sopro criador necessário para nos surpreender, nos suspender, nos admirar, nos reconhecer, nos comunicar. Este é o caso, digamo-lo alto e bom som, do escultor português Ricardo Gigante, que exporá as suas peças na Sala Vaquero Poblador da Diputación de Badajoz, na sua sede no El Hospital Centro Vivo, com uma mostra concebida e executada a partir de blocos de mármore.

Ricardo Gigante começou a esculpir na adolescência numa oficina familiar que já contava com uma história de duas gerações. Completou os seus estudos artísticos no Centro de Arte e Comunicação Visual de Lisboa, em 1996, e desde então não parou de expor a sua obra nos melhores espaços expositivos de Portugal (loais como o Palácio das Galveias, em Lisboa, ou o Museu da Tapeçaria, em Portalegre). O seu conhecimento do mármore, matéria inicialmente inerte, como dissemos, leva-o a procurar blocos dos quais, uma vez selecionados (com preferência por peças limpas, sem veios), obterá o resultado esperado após um processo de transformação que desafia as características próprias de cada pedra e no qual se mobilizam a perícia técnica, a inteligência criadora e a sensibilidade artística.

Metamorfose do movimento é o título desta série, e, de facto, o movimento é o *leit motiv* destas esculturas sem engrenagens, todas feitas numa única peça e buscando o maior grau possível de uniformidade. Movimento. Ritmo. Vida. Será o nosso próprio olhar que recriará o ritmo ou o estatismo nas esculturas de Ricardo Gigante, a partir do desafio que ele mesmo se propõe e nos propõe a todos, entre o seu exercício de imaginação e o nosso exercício de percepção: um desafio de traçados, perspetivas e equilíbrios. Porque, uma vez concluída a transformação artística operada pelo criador, é a vez de outra transformação ainda maior: a operada pelo visitante, que *recriará* com toda a sua capacidade sensorial a materialidade de pedras que, por si só, reclamam ser vistas e consideradas de outro modo - porque nunca mais voltarão a ser o que foram, matéria inerte, mas sim outra coisa. Movimento. Ritmo. Vida.

JOSÉ LUIS HINCHADO MORALES
Escultor

FRANCISCO GARCÍA FERNÁNDEZ
Gestor cultural

Aprendimos siendo niños las nociones más básicas que se corresponden con los reinos animal, vegetal y mineral, siendo este último merecedor de una característica tan rotunda en su enunciado como misteriosa e inquietante, a nuestro infantil modo de ver: los minerales, sintetizados todos juntos en la idea de piedra, son inertes; es decir, no sólo son cuerpos sin vida, sino que, además, nunca la han tenido ni jamás la tendrían. Nada que objetar: habló la Ciencia, y su dictamen avalado por siglos de investigación no es dogma, sino fruto del conocimiento y de la experiencia sensible y contrastada.

Sin embargo, he aquí que, junto a la Ciencia, también el Arte investiga, juega y se complace en poner en marcha los mecanismos de la experiencia sensible y el conocimiento. Con su propio código, con su propio lenguaje, que es necesariamente artístico (artificial, no natural; elaborado, no irreflexivo; nuevo, siempre distinto, siempre peculiar, siempre un reto de expresión y comprensión), la actividad artística puede llegar a dar vida. Este es el caso de la mayor parte de los artistas de cualquier parte del mundo, sin que sea necesario establecer absurdos rankings aparejados generalmente a muy dudosos criterios de calidad y muy diáfanos criterios comerciales dictados por no sabemos qué o quién, y sin que sea necesario tampoco buscarlos mucho más allá de nuestro entorno.

Cuando no un dios, no un semidiós, no un demiurgo, no un héroe, no una ~~impostura admitida~~ inteligencia artificial es capaz de dar vida a lo que es inerte, estamos ante un verdadero artista. Un creador o, si se prefiere, un Creador que es simplemente un hombre o una mujer, o nada menos que un hombre o una mujer, cuyo trabajo transformador lleva en su esencia el aliento creador necesario para sorprendernos, suspendernos, admirarnos, reconocernos, comunicarnos. Este es el caso, digámoslo alto y claro, del escultor portugués Ricardo Gigante, que expondrá sus piezas en la Sala Vaquero Poblador de la Diputación de Badajoz, en su ubicación de El Hospital Centro Vivo, con una muestra concebida y ejecutada a partir de bloques de mármol.

Ricardo Gigante comenzó a esculpir desde su adolescencia en un taller familiar que ya contaba con una historia de dos generaciones. Completó sus estudios artísticos en el Centro de Arte y Comunicación Visual de Lisboa, en 1996, y desde entonces no ha dejado de exponer su obra en los mejores espacios expositivos de Portugal (lugares como el Palácio das Galveias, en Lisboa, o el Museu da Tapeçaria, en Portalegre). Su conocimiento del mármol, materia inicialmente inerte, como decimos, le lleva a buscar bloques de los que, una vez seleccionados (con preferencia por las piezas limpias, sin vetas), obtendrá el resultado que espera tras un proceso de transformación que desafía las características propias de cada piedra y en el que se ponen en marcha la pericia técnica, la inteligencia creadora y la sensibilidad artística.

Metamorfosis del movimiento es el título de esta serie, y en efecto el movimiento es el *leit motiv* de estas esculturas sin engranajes, hechas todas en una sola pieza y buscando el mayor grado posible de uniformidad. Movimiento. Ritmo. Vida. Será nuestra propia mirada la que recree el ritmo o el estatismo en las esculturas de Ricardo Gigante, a partir del desafío que él mismo se propone y nos propone a todos, entre su ejercicio de imaginación y nuestro ejercicio de percepción: un desafío de trazados, perspectivas y equilibrios. Porque una vez ha culminado la transformación artística operada por el creador, es el turno de otra transformación más: la operada por el visitante, que *recreará* con toda su capacidad sensorial la materialidad de unas piedras que por sí mismas reclaman ser miradas y consideradas de otro modo porque ya nunca volverán a ser lo que fueron, materia inerte, sino otra cosa. Movimiento. Ritmo. Vida.

JOSÉ LUIS HINCHADO MORALES
Escultor

FRANCISCO GARCÍA FERNÁNDEZ
Gestor cultural

ESCULTURAR COMO RICARDO GIGANTE: OBJETOS-POEMAS

por **Thierry Proença dos Santos**

Coordenador do Museu da Guarda, Portugal

Ricardo Gigante apresenta uma abordagem singular à escultura em mármore. Mestre no ofício, iniciou o seu percurso no trabalho artesanal, enraizado na tradição dos talhadores de mármore de Vila Viçosa, terra onde nasceu em 1969. Após concluir, em 1996, o curso de Escultura no AR.CO, em Lisboa, não se limitou a preservar o legado herdado: explorou novas técnicas, das quais extraiu formas originais, sempre evitando ousadias gratuitas. Ao longo do seu trajeto, manteve-se fiel a princípios hoje pouco comuns no panorama contemporâneo, frequentemente dominado pela criação virtual assistida por computador.

A sua escultura não figurativa continua a ser trabalhada manualmente, através da modelação direta com rebarbadora e fresadora, assumindo os acabamentos como parte essencial do processo criativo. Mais do que um mero exercício técnico, o seu trabalho propõe uma experiência estética sustentada pela sensibilidade e pelo elemento surpresa, ampliando o diálogo entre a obra e o espectador. Esta interação estabelece-se num jogo de decifração, tal como definido por Didi-Huberman em *Essayer voir*: mostrar uma figura para ver nela, dizer com ela e dar a ver, através dela, uma outra figuração. É dessa abordagem que emergem, em todas as peças, a contenção e a simplicidade, investindo em formas depuradas de excessos, onde o supérfluo dá lugar à intensidade expressiva.

Daí não surpreender que a harmonia, o equilíbrio e o simbolismo sejam referências centrais na escultura de Ricardo Gigante, aproximando-a do território da poesia. Na verdade, cria verdadeiros «objetos-poemas» (Santos, 2025): não meras formas, mas criações que exprimem ideias e sensações, redefinindo o espaço

onde se inserem. São, como designa Prata Coelho (2025: 318), «esculturas do lugar». Ao assumirem-se como objetos-poemas, estas peças transcendem a tridimensionalidade física e passam a habitar também o domínio da linguagem, onde matéria e metáfora se entrelaçam.

O objeto-poema apresenta-se como alusão: forma e ritmo, volume e pensamento. Gigante atua como artesão e poeta, moldando não apenas superfícies, mas atmosferas emocionais. Cada textura, cada corte, cada vazio funciona como uma sílaba ou uma pausa. Tal como a poesia, a sua escultura abre-se à polissemia, convidando o espectador a «lê-la» com todo o corpo, como quem dança – de acordo com a observação de Casimiro Henriques (2025). O silêncio entre as formas é como o espaço branco na página: um lugar de respiração e imaginação.

Trabalhada na magnificência do mármore – por vezes associada a plintos, bases ou suportes de aço corten oxidado –, a sua escultura propõe sempre uma experiência intimista, potenciada pelo espaço expositivo (um jardim, um salão nobre, uma galeria de arte). Ali, o fruidor afasta-se do «aqui e agora», da contingência da vida e do mundo, e deixa-se envolver pela obra.

Assim, a criação torna-se um diálogo entre o tangível e o inefável, inscrevendo poesia na matéria e tornando palpável o que é, por natureza, volátil. O espectador sente a necessidade de se aproximar, contornar, tocar; cada ângulo revela um verso novo, cada sombra acrescenta uma estrofe secreta.

Este enraizamento poético não implica, porém, qualquer rutura com a autonomia disciplinar, nem um afastamento da tradição escultórica. Pelo contrário: a obra de Gigante recupera fundamentos clássicos – tridimensionalidade, volumetria, gravidade, proporção – sempre animados por um espírito de descoberta que, ao longo dos anos, o levou a desenvolver séries que funcionam como verdadeiros laboratórios criativos. A sua trajetória conduziu-o à criação de formas

orgânicas, materializadas em esculturas de concepção maioritariamente vertical, nas quais a curva se tornou elemento central da sua linguagem artística, explorada em toda a sua extensão e significado. Nessas peças, movimento e sensualidade deixam de ser conceitos abstratos para se tornarem experiências tangíveis.

Como consequência, as suas propostas revelam, ao olhar atento, uma sensibilidade que nasce de um espaço de fusão entre o masculino e o feminino. No seu trabalho ecoam, tal como descritos por J. Chevalier e A. Gheerbrant no Dictionnaire des Symboles, a potência masculina da vida (vitalidade consciente da morte) e a força espiritual feminina (portadora de vida), numa tensão onde o rasgão separador nunca se consoma por inteiro.

Recentemente, o escultor inaugurou um novo período criativo, elegendo como matéria-prima o mármore ruivina – de fundo cinzento-escuro e brilho intenso – e explorando-o na sua ductilidade, densidade e plasticidade. A partir desta pedra singular, constrói visões que se materializam em obras como «Mind», «Quatro Caminhos» e «Concilio», mantendo aberto um campo de possibilidades onde se cruzam questões processuais e formais, desde a concepção inicial até à peça final, como se observa em «Encontros».

Essa exploração material e formal sustenta uma escultura que rompe com esquemas percetivos e conceptuais que a poderiam reduzir a simples ornamentação, afirmando-se antes como verdadeiro objeto-poema. O sentimento poético que a anima atravessa tanto as esculturas sobre plinto («Trilogia II», «Movimentos», «Inversão»), como se revela de forma singular nos volumes suspensos («Suspiro», «Elegância»), ou ainda nas peças dispostas no chão («Trilogia III») e na parede («Paisagem I», «Paisagem II»). No dizer de Prata Coelho, estas criações «fascinam pelos contrastes produzidos, pelas molduras de palcos, espaços simbólicos, no qual a peça se encaixa e ganha escala e contexto» (Coelho, 2025: 372).

São questões como estas que a obra de Ricardo Gigante desperta em quem a contempla, ajudando a compreender a crescente atenção que tem vindo a conquistar, tanto em Portugal como em Espanha. As suas mostras individuais mais recentes – Enamorados de Outono, na Pousada do Castelo de Estremoz, e Trilogia Temporal, no Museu da Guarda – constituíram um prelúdio e um ensaio para a presente exposição em Badajoz, concebida como um autêntico «evento» estético, que se impõe como a afirmação plena de uma notável coerência e consistência artística.

Referências

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain (1982). Dictionnaire des Symboles, Paris, RobertLaffont/Jupiter.

Coelho, António Manuel Prata (2025). «Leitura de uma exposição e do seu catálogo:Ricardo Gigante: Trilogia Temporal, Esculturas», em Praça Velha, Revista cultural da cidade da Guarda, n.º 47, pp. 371-374.

Didi-Huberman, Georges (2014). Essayer voir, Paris, Les Éditions de Minuit.

Henriques, Casimiro (2025). «Pode a pedra escrever em si mesma a poesia da alma, ou contorcionar-se para revelar o pensamento de quem pela palavra não pode dizer o que vê ou sente?», em Ricardo Gigante: Trilogia Temporal, Esculturas, Câmara Municipal da Guarda | Museu da Guarda.

Santos, Thierry Proença dos (2025). «Ricardo Gigante: o pulsar do mármore», em Ricardo Gigante: Trilogia Temporal, Esculturas, Câmara Municipal da Guarda | Museu da Guarda.

ESCULPIR COMO RICARDO GIGANTE: OBJETOS-POEMAS

por **Thierry Proença dos Santos**

Coordinador del Museo de Guarda, Portugal.

Ricardo Gigante presenta un enfoque singular en la escultura en mármol. Maestro en el oficio, inició su trayectoria en el trabajo artesanal, arraigado en la tradición de los talladores de mármol de Vila Viçosa, tierra donde nació en 1969. Tras completar, en 1996, el curso de Escultura en el AR.CO de Lisboa, no se limitó a preservar el legado heredado: exploró nuevas técnicas, de las cuales extrajo formas originales, siempre evitando osadías gratuitas. A lo largo de su recorrido, se mantuvo fiel a principios hoy poco comunes en el panorama contemporáneo, frecuentemente dominado por la creación virtual asistida por ordenador.

Su escultura no figurativa sigue siendo trabajada manualmente, mediante el modelado directo con amoladora y fresadora, asumiendo los acabados como parte esencial del proceso creativo. Más que un mero ejercicio técnico, su trabajo propone una experiencia estética sustentada por la sensibilidad y el elemento sorpresa, ampliando el diálogo entre la obra y el espectador. Esta interacción se establece en un juego de desciframiento, tal como definió Didi-Huberman en *Essayer voir*: mostrar una figura para ver en ella, decir con ella y dar a ver, a través de ella, otra figuración. De este enfoque emergen, en todas sus piezas, la contención y la simplicidad, apostando por formas depuradas de excesos, donde lo superfluo da paso a la intensidad expresiva.

Así, no sorprende que la armonía, el equilibrio y el simbolismo sean referencias centrales en la escultura de Ricardo Gigante, acercándola al territorio de la poesía. En realidad, crea verdaderos «objetos-poema» (Santos, 2025): no meras formas, sino creaciones que expresan ideas y sensaciones, redefiniendo el espacio que habitan. Son, como señala Prata Coelho (2025:

318), «esculturas del lugar». Al asumirse como objetos-poema, estas piezas trascienden la tridimensionalidad física y pasan a habitar también el dominio del lenguaje, donde materia y metáfora se entrelazan.

El objeto-poema se presenta como alusión: forma y ritmo, volumen y pensamiento. Gigante actúa como artesano y poeta, moldeando no solo superficies, sino atmósferas emocionales. Cada textura, cada corte, cada vacío funciona como una sílaba o una pausa. Al igual que la poesía, su escultura se abre a la polisemia, invitando al espectador a «leerla» con todo el cuerpo, como quien baila –según la observación de Casimiro Henriques (2025)–. El silencio entre las formas es como el espacio en blanco en la página: un lugar de respiración e imaginación.

Trabajada en la magnificencia del mármol –a veces asociado a plintos, bases o soportes de acero corten oxidado–, su escultura propone siempre una experiencia íntima, potenciada por el espacio expositivo (un jardín, un salón noble, una galería de arte). Allí, el espectador se aleja del «aquí y ahora», de la contingencia de la vida y del mundo, y se deja envolver por la obra. Así, la creación se convierte en un diálogo entre lo tangible y lo inefable, inscribiendo poesía en la materia y haciendo palpable lo que, por naturaleza, es volátil. El espectador siente la necesidad de acercarse, rodear, tocar; cada ángulo revela un nuevo verso, cada sombra añade una estrofa secreta.

Este arraigo poético no implica, sin embargo, ruptura alguna con la autonomía disciplinar ni un alejamiento de la tradición escultórica. Al contrario: la obra de Gigante recupera fundamentos clásicos –tridimensionalidad, volumetría, gravedad, proporción–, siempre animados por un espíritu de descubrimiento que, a lo largo de los años, lo ha llevado a desarrollar series que funcionan como verdaderos laboratorios creativos.

Su trayectoria lo ha conducido a la creación de formas orgánicas, materializadas en esculturas de concepción mayormente vertical, donde la curva se ha convertido

en elemento central de su lenguaje artístico, explorada en toda su extensión y significado. En estas piezas, movimiento y sensualidad dejan de ser conceptos abstractos para convertirse en experiencias tangibles. Como consecuencia, sus propuestas revelan, ante la mirada atenta, una sensibilidad que nace de un espacio de fusión entre lo masculino y lo femenino. En su trabajo resuenan, como describen J. Chevalier y A. Gheerbrant en el *Dictionnaire des Symboles*, la potencia masculina de la vida (vitalidad consciente de la muerte) y la fuerza espiritual femenina (portadora de vida), en una tensión donde la separación nunca se consume del todo.

Recientemente, el escultor ha inaugurado un nuevo período creativo, eligiendo como materia prima el mármol ruivina –de fondo gris oscuro y brillo intenso– y explorando su ductilidad, densidad y plasticidad. A partir de esta piedra singular, construye visiones que se materializan en obras como «Mind», «Cuatro Caminos» y «Concilio», manteniendo abierto un campo de posibilidades donde se cruzan cuestiones procesuales y formales, desde la concepción inicial hasta la pieza final, como se observa en «Encontros».

Esta exploración material y formal sostiene una escultura que rompe con esquemas perceptivos y conceptuales que podrían reducirla a simple ornamentación, afirmándose antes como verdadero objeto-poema. El sentimiento poético que la anima atraviesa tanto las esculturas sobre plinto («Trilogía II», «Movimientos», «Inversión»), como se revela de forma singular en los volúmenes suspendidos («Suspiro», «Elegancia»), o incluso en las piezas dispuestas en el suelo («Trilogía III») y en la pared («Paisaje I», «Paisaje II»). En palabras de Prata Coelho, estas creaciones «fascinan por los contrastes que producen, por los marcos de escenarios, espacios simbólicos, en los que la pieza encaja y gana escala y contexto» (Coelho, 2025: 372).

Son cuestiones como estas las que la obra de Ricardo Gigante despierta en quien la contempla, ayudando a comprender la creciente atención que

ha ido conquistando, tanto en Portugal como en España. Sus exposiciones individuales más recientes –Enamorados de Otoño, en la Pousada do Castelo de Estremoz, y Trilogía Temporal, en el Museo da Guarda– constituyeron un preludio y un ensayo para la presente exposición en Badajoz, concebida como un auténtico «evento» estético, que se impone como la afirmación plena de una notable coherencia y consistencia artística.

Referencias

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain (1982). *Dictionnaire des Symboles*, Paris, RobertLaffont/Jupiter.

Coelho, António Manuel Prata (2025). «Leitura de uma exposição e do seu catálogo: Ricardo Gigante: Trilogia Temporal, Esculturas», en Praça Velha, Revista cultural da cidade da Guarda, n.º 47, pp. 371-374.

Didi-Huberman, Georges (2014). *Essayer voir*, Paris, Les Éditions de Minuit.

Henriques, Casimiro (2025). «Pode a pedra escrever em si mesma a poesia da alma, ou contorcionar-se para revelar o pensamento de quem pela palavra não pode dizer o que vê ou sente?», en Ricardo Gigante: Trilogia Temporal, Esculturas, Câmara Municipal da Guarda | Museu da Guarda.

Santos, Thierry Proença dos (2025). «Ricardo Gigante: o pulsar do mármore», en Ricardo Gigante: Trilogia Temporal, Esculturas, Câmara Municipal da Guarda | Museu da Guarda.

Resultado da transformação da matéria bruta do mármore em peça com significado, a obra de Ricardo Gigante reflete o conhecimento, a criatividade poética e filosófica do escultor. A arte é feita de sonhos e visões que partem do interior do artista para a criação de imagens mentais. Em vez dos exercícios formais relativos a assuntos comuns do quotidiano, Ricardo Gigante voltou-se para uma representação mais próxima da simbologia filosófica e científica, na qual a geometria e o movimento ganham terreno. Através da matemática e da geometria abrem-se possibilidades para um novo pensamento artístico. O enquadramento da arte em conceitos e metodologias de bases científicas conduz a escultura a um processo de experimentação e de análise do mundo, mas também a um exercício de conhecimento. A finalidade da arte é atingir o belo sob a forma da representação perfeita, daí estarmos perante uma arte que privilegia o racional em detrimento da emoção. De forma natural ou intencional, as formas geométricas são vistas repetidamente nos trabalhos, em mármore ruivina, de Ricardo Gigante. Formas sólidas, onde se evidenciam as arestas, os ângulos e os vértices produzem efeitos notáveis que nos conduzem à observação e disfrute da beleza da harmonia e da proporção matemáticas.

O equilíbrio assume-se como expressão do pensamento do artista, aplicando conhecimentos científicos na arte, tal como fez Leonardo da Vinci ou Salvador Dali. O escultor orienta o seu trabalho para uma representação na qual o retângulo e o círculo permitem várias possibilidades de exploração e leitura, estabelecendo uma intensa relação com o movimento. Esta associação entre movimento, matemática e geometria conduz-nos para questões profundas numa duplicidade de significantes e significados, onde se cruzam esquemas intelectuais e filosóficos. O fascínio pelo movimento torna-se uma sistematização tecnológica, encontrando no mármore ruivina o dispositivo ideal. Os trabalhos, apresentados nesta exposição, fascinam pelos contrastes produzidos, pelas molduras de palcos, espaços simbólicos, nos

quais a peça se encaixa e ganha escala e contexto. As molduras, mais do que suportes, são corpos com movimento, sempre a vislumbrar o infinito.

As peças tornam-se dinâmicas, adquirindo expressão observável em cada uma delas ou no título que lhe é conferido. A obra Concílio ganha o seu destaque. Nela o escultor reflete a sublime perfeição do círculo, forma sem princípio nem fim, com o centro equidistante de todos os seus pontos, torna-se a alegoria do infinito e da pureza das formas através da qual se impõe a ordem do universo.

A palavra assume um papel evocativo e ativo, atribuindo ao título da obra a função de orientar o nosso olhar criando a metáfora da agregação. O uso figurativo da linguagem não descreve a obra, mas orienta a leitura daquele que a observa. A nossa capacidade de criar associações permite-nos pensar no círculo associando-o a um espaço de perfeição espiritual cósmico que nos remete para o seu carácter divino. A forma circular orienta-nos para o concílio dos deuses, símbolo da unidade, da eternidade, metáfora perfeita do equilíbrio e da harmonia. Visão onírica ilustradora de uma linguagem expressiva, um manifesto sobre o imaginado. Olhar interrogativo e profundo, este do escultor, na procura de um caminho que encontra no simbólico o espírito da essência da sua comunicação. A expressão de uma linguagem humana na sua exuberância criativa, que nos transporta para o sublime, numa comunicação entre a ornamentação e o simbólico.

Com esta obra, através do seu olhar, Ricardo Gigante oferece-nos, de forma gratuita, a decifração, a limpidez que ilumina a nossa visão do mundo, mas também o seu talento ao trabalhar o material. As linhas e texturas, geram formas que dialogam e captam o espaço envolvente, como parte integrante da escultura. Junta superfícies lisas explorando a suavidade da pedra, mas também as irregularidades que colhem a luz e realçam as qualidades da composição, verdadeiro espaço de agregação. O que move o artista é trabalhar

o material, explorar a crueza da pedra por polir, procurar os contrastes com as superfícies polidas, revelando a beleza na verdade do material, fazendo da pedra o refúgio do nosso sentir.

Assinale-se o modo como tira partido de certos detalhes, denunciando, pelo seu carácter visivelmente elaborado, pela precisão da forma, o simples prazer no ato de esculpir. Fascínio da simplicidade, por aquilo que é essencial, pelas proporções rítmicas, explora as capacidades expressivas do material. Golpe a golpe a obra vai nascendo inteira do bloco único de mármore. O escultor remove pedaços, adiciona detalhes, suaviza a superfície, explora as diferentes granulações do material para se aproximar à forma desejada. A superfície surge como se ascendesse da massa, transformando-se no Ser perfeito e completo.

ANTÓNIO MANUEL PRATA COELHO
Professor de História da Cultura e das Artes

Resultado de la transformación de la materia bruta del mármol en una pieza con significado, la obra de Ricardo Gigante refleja el conocimiento, la creatividad poética y filosófica del escultor. El arte está hecho de sueños y visiones que parten del interior del artista hacia la creación de imágenes mentales. En lugar de ejercicios formales relativos a asuntos comunes de la vida cotidiana, Ricardo Gigante se volvió hacia una representación más cercana a la simbología filosófica y científica, en la que la geometría y el movimiento ganan terreno. A través de las matemáticas y la geometría se abren posibilidades para un nuevo pensamiento artístico. El encuadre del arte en conceptos y metodologías de base científica conduce la escultura a un proceso de experimentación y análisis del mundo, pero también a un ejercicio de conocimiento. La finalidad del arte es alcanzar lo bello en forma de representación perfecta, de ahí que estemos ante un arte que privilegia lo racional en detrimento de la emoción. De forma natural o intencional, las formas geométricas se repiten en las obras, en mármol ruivina, de Ricardo Gigante. Formas sólidas, donde se evidencian las aristas, los ángulos y los vértices, producen efectos notables que nos conducen a la observación y disfrute de la belleza de la armonía y la proporción matemáticas.

El equilibrio se asume como expresión del pensamiento del artista, aplicando conocimientos científicos en el arte, tal como lo hicieron Leonardo da Vinci o Salvador Dalí. El escultor orienta su trabajo hacia una representación en la cual el rectángulo y el círculo permiten varias posibilidades de exploración y lectura, estableciendo una intensa relación con el movimiento. Esta asociación entre movimiento, matemáticas y geometría nos conduce a cuestiones profundas en una duplicidad de significantes y significados, donde se cruzan esquemas intelectuales y filosóficos. La fascinación por el movimiento se convierte en una sistematización tecnológica, encontrando en el mármol ruivina el dispositivo ideal. Las obras, presentadas en esta exposición, fascinan por los contrastes producidos, por los marcos de escenarios, espacios

simbólicos, en los cuales la pieza se encaja y adquiere escala y contexto. Los marcos, más que soportes, son cuerpos con movimiento, siempre vislumbrando el infinito.

Las piezas se vuelven dinámicas, adquiriendo expresión observable en cada una de ellas o en el título que se les confiere. La obra Concilio adquiere un protagonismo especial. En ella el escultor refleja la sublime perfección del círculo, forma sin principio ni fin, con el centro equidistante de todos sus puntos, convirtiéndose en la alegoría del infinito y de la pureza de las formas a través de la cual se impone el orden del universo.

La palabra asume un papel evocador y activo, atribuyendo al título de la obra la función de orientar nuestra mirada creando la metáfora de la agregación. El uso figurativo del lenguaje no describe la obra, sino que orienta la lectura de quien la observa. Nuestra capacidad de crear asociaciones nos permite pensar en el círculo como un espacio de perfección espiritual cósmica que nos remite a su carácter divino. La forma circular nos orienta hacia el concilio de los dioses, símbolo de la unidad, de la eternidad, metáfora perfecta del equilibrio y de la armonía. Visión onírica que ilustra un lenguaje expresivo, un manifiesto sobre lo imaginado. Mirada interrogadora y profunda, la del escultor, en la búsqueda de un camino que encuentra en lo simbólico el espíritu de la esencia de su comunicación. La expresión de un lenguaje humano en su exuberancia creativa, que nos transporta hacia lo sublime, en una comunicación entre la ornamentación y lo simbólico.

Con esta obra, a través de su mirada, Ricardo Gigante nos ofrece, de forma gratuita, la decodificación, la claridad que ilumina nuestra visión del mundo, pero también su talento al trabajar el material. Las líneas y texturas generan formas que dialogan y captan el espacio envolvente, como parte integrante de la escultura. Una superficies lisas explorando la suavidad de la piedra, pero también las irregularidades

que recogen la luz y realzan las cualidades de la composición, verdadero espacio de agregación. Lo que mueve al artista es trabajar el material, explorar la crudeza de la piedra sin pulir, buscar los contrastes con las superficies pulidas, revelando la belleza en la verdad del material, haciendo de la piedra el refugio de nuestro sentir.

Es notable el modo en que aprovecha ciertos detalles, revelando, por su carácter visiblemente elaborado, por la precisión de la forma, el simple placer en el acto de esculpir. Fascinación por la simplicidad, por aquello que es esencial, por las proporciones rítmicas, explora las capacidades expresivas del material. Golpe a golpe la obra va naciendo entera del bloque único de mármol. El escultor elimina fragmentos, añade detalles, suaviza la superficie, explora las diferentes granulaciones del material para aproximarse a la forma deseada. La superficie surge como si ascendiera de la masa, transformándose en el Ser perfecto y completo.

RICARDO GIGANTE

LA METAMORFOSIS
DEL MOVIMIENTO

ESCULTURAS





MIND

Mármol ruivina

Alto 120 cm

Ancho 120 cm

Fondo 5 cm



CONCEJO
Mármol ruivina

Alto 85 cm
Ancho 40 cm
Fondo 15 cm



SUEÑO

Mármol ruivina

Alto 88 cm

Ancho 88 cm

Fondo 13 cm



INVERSIÓN
Mármol ruivina

Alto 85 cm
Ancho 73 cm
Fondo 25 cm

ELEGANCIA
Mármol ruivina

Alto 153 cm
Ancho 22 cm
Fondo 12 cm





ENCUENTROS
Mármol ruivina

Alto 143 cm
Ancho 52 cm
Fondo 46 cm



RITMO

Mármol ruivina

Alto 152 cm

Ancho 14 cm

Fondo 14 cm



SUSPIRO

Mármol ruivina

Alto 152 cm

Ancho 13 cm

Fondo 13 cm

PAISAJE I

Mármol ruivina

Alto 210 cm
Ancho 13 cm
Fondo 9 cm



PAISAJE II

Mármol ruivina

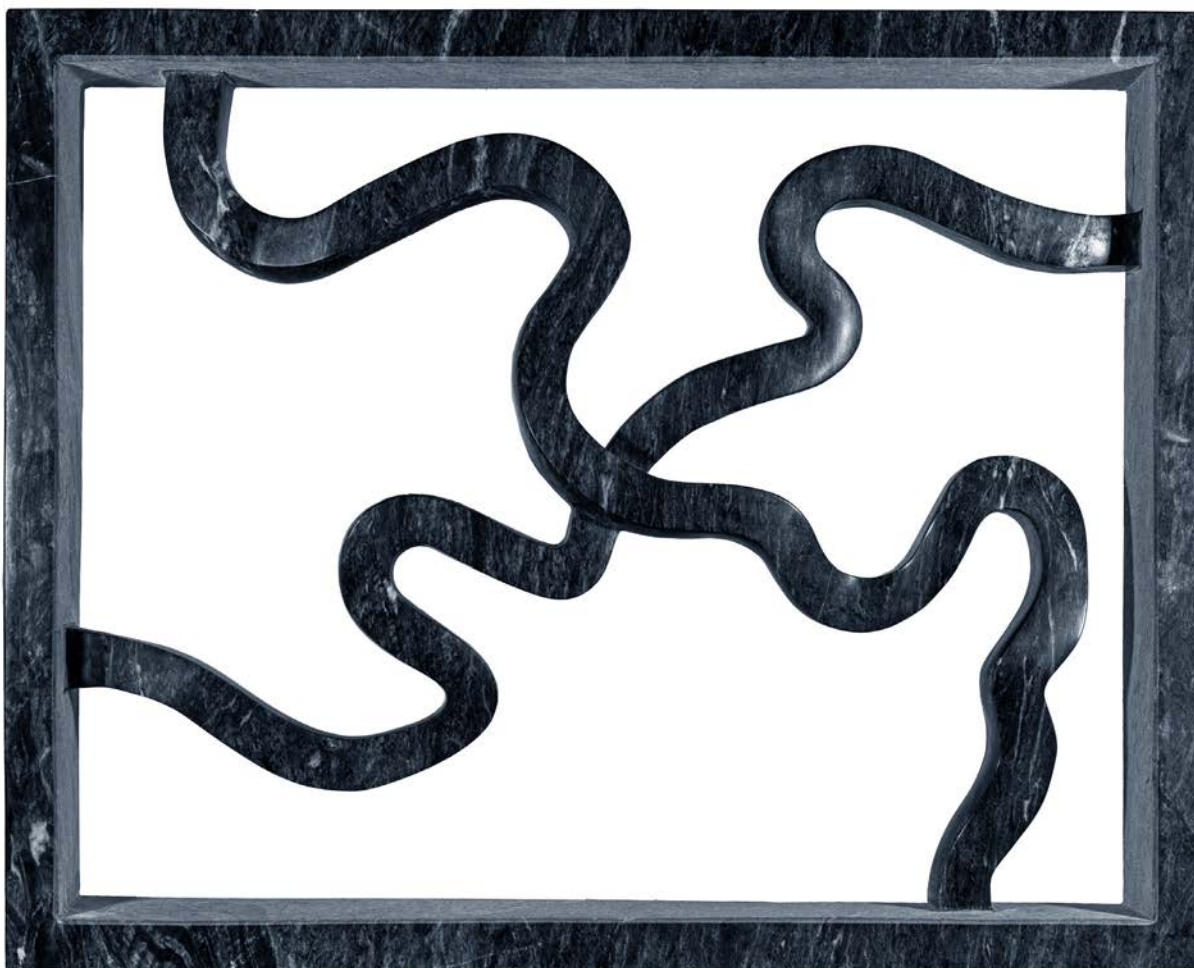
Alto 194 cm
Ancho 18 cm
Fondo 9 cm



VIBRACIONES

Mármol negro de Bélgica

Alto 30 cm
Ancho 135 cm
Fondo 10 cm



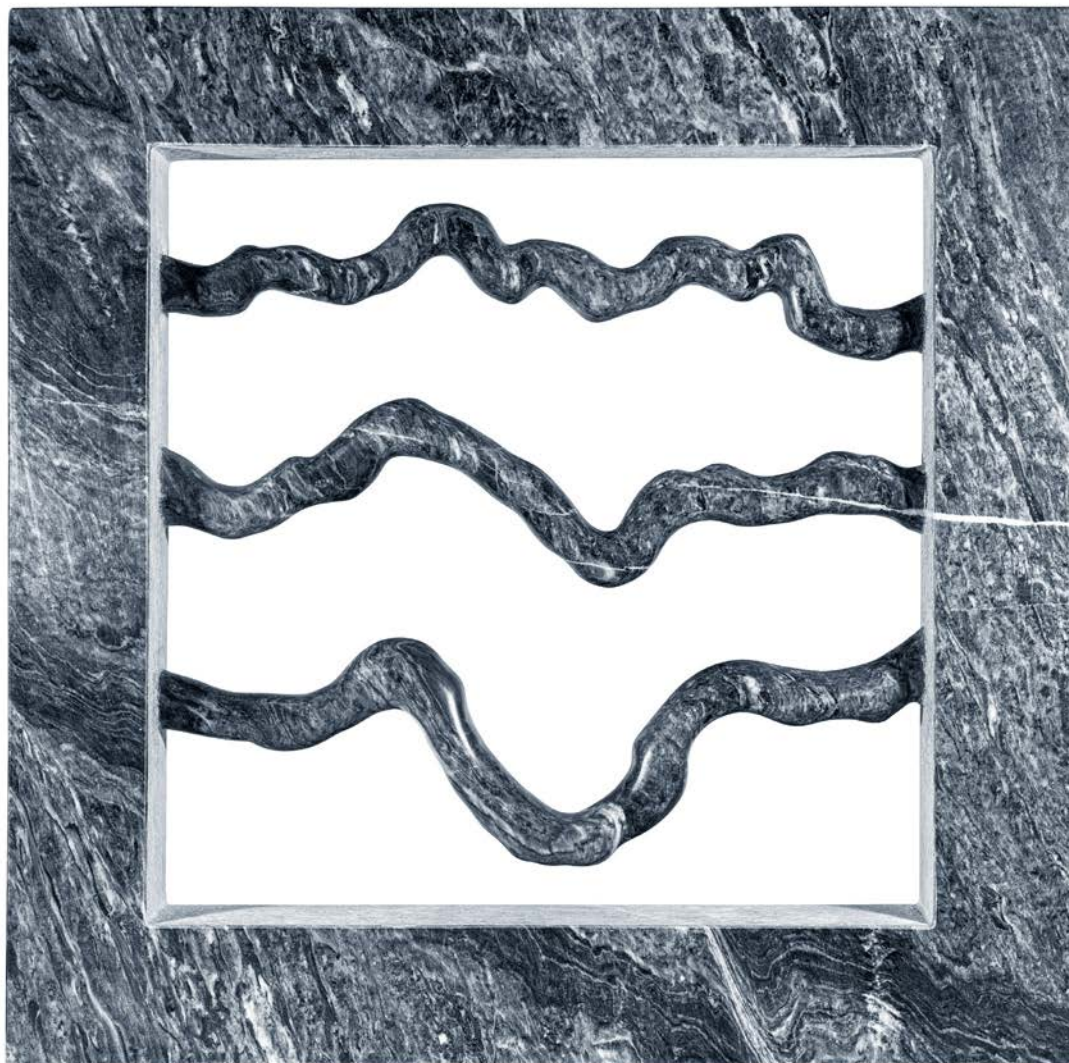
CUATRO CAMINOS

Mármol ruivina

Alto 75 cm

Ancho 125 cm

Fondo 24 cm



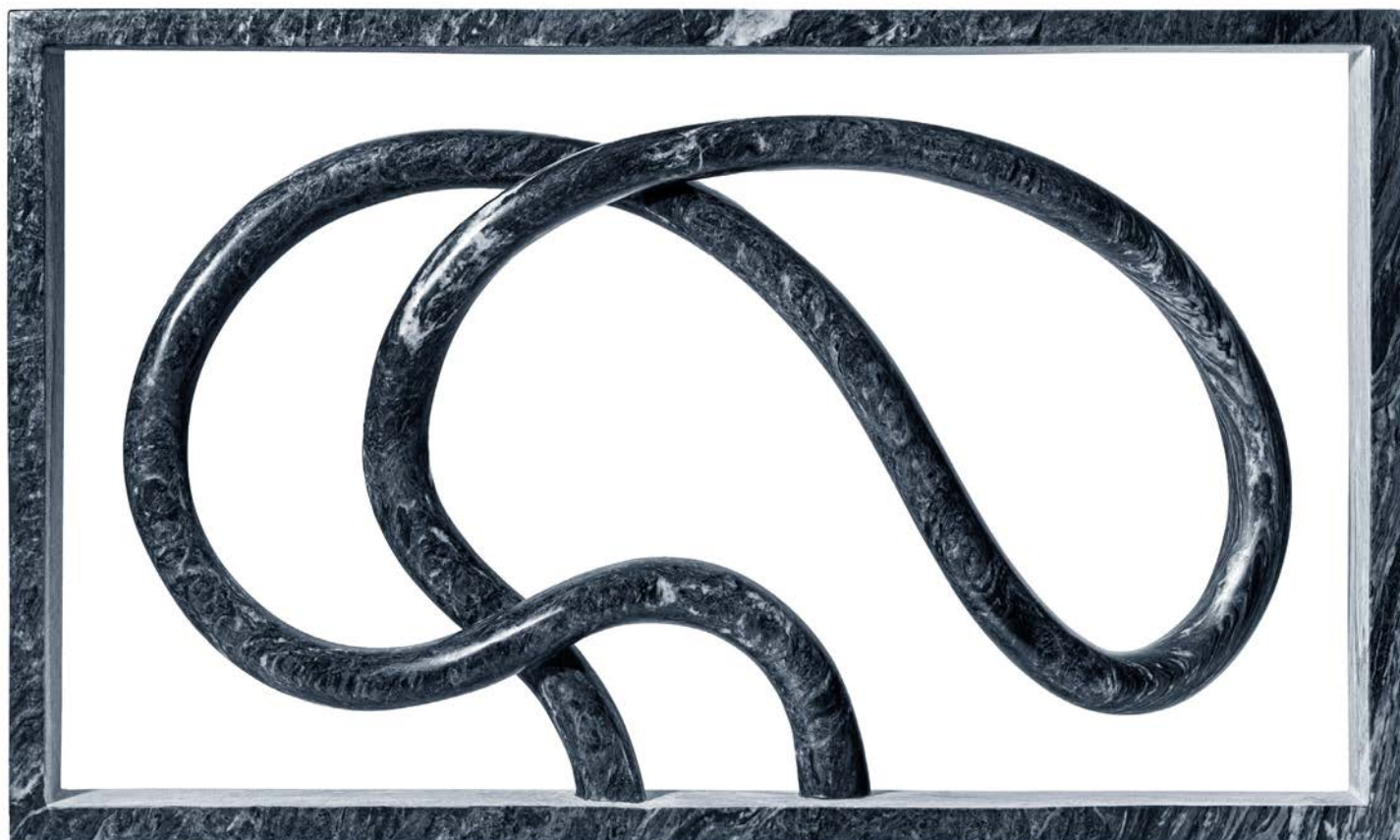
MOVIMIENTOS
Mármol ruivina

Alto 85 cm
Ancho 86 cm
Fondo 20 cm



MOVIMIENTO I
Mármol ruivina

Alto 85 cm
Ancho 30 cm
Fondo 30 cm



MOVIMIENTO II
Mármol ruivina

Alto 80 cm
Ancho 145 cm
Fondo 20 cm



MOVIMIENTO III

Mármol ruivina

Alto 90 cm

Ancho 65 cm

Fondo 20 cm



MOVIMIENTO IV
Mármol ruivina

Alto 63 cm
Ancho 100 cm
Fondo 12 cm



TRILOGÍA II

Mármol ruivina

Alto 20 cm

Ancho 122 cm

Fondo 20 cm

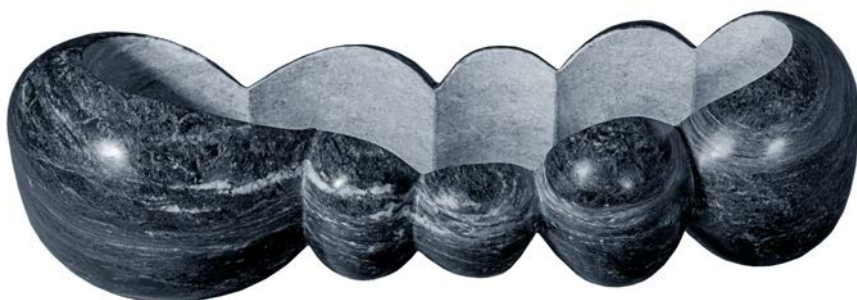


TRILOGÍA III
Mármol ruivina

Alto 50 cm
Ancho 48 cm
Fondo 17 cm



Alto 67 cm
Ancho 26 cm
Fondo 18 cm



Alto 68 cm
Ancho 45 cm
Fondo 18 cm

RICARDO GIGANTE

1969 - Nasceu em Vila Viçosa;

1996 - Conclui o Curso de Escultura na AR-CO, Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa.

Exposições Individuais:

1996 - “Diálogos”, Pousada Rainha Santa Isabel, Estremoz

1997 - “Origens”, Cor Pura Designers, Almada

- “Duetos”, Pousada de Palmela

1998 - “ Génesis”, Convento de S. Francisco, Badajoz – Espanha

1999 - “Homem Universal”, Palácio das Galveias, Lisboa

2000 - “ Homem Global “, Enes Galeria D’Arte, Lisboa

2002 - “Sem Título”, Fórum Cultural do Seixal – Galeria de Exposições Augusto Cabrita, Seixal

- “Subtilezas de Outono”, Pousada Rainha Santa Isabel, Estremoz

2004 - “ Despertar do Outono”, Pousada de Palmela

2005 - “ Sonho Mágico”, Pousada de Santa Marinha, Guimarães

- “Imaginar a Dois”, Fundação Bissaya Barreto, Coimbra

- “Percurso”, Pousada D. Afonso II, Alcácer do Sal

2006/07- “Ligações e Proximidades” Pousada dos Loios”, Évora

2008 - “Sem Título” – Museu da Tapeçaria de Portalegre “Guy Fino”, Portalegre

2010 - “Disposição e Composição, Esculturas de Ricardo Gigante” – Castelo de Alter do Chão

2012 - “Exposição Solidária – Cáritas”, Pousada de Palmela

2023 - “Enamorados de Outono”, Pousada de Estremoz

2025 - “Trilogia do tempo”, Museu da Guarda

- “Metamorfosis del movimiento”, Sala de Exposições Vaquero Poblador no Hospital Centro Vivo, Badajoz, Espanha

Exposições Colectivas (desde 1987 participou em mais de seis dezenas) nomeadamente nos últimos 7 anos:

2019 - IV Simpósio Internacional de Escultura, Vila Viçosa

2021 - “Sitios da Pedra I”, Centro Cultural da Levada – Tomar

- “Convergências”, Oficina de Cultura – Almada

2022 - “Sitios da Água”, Centro Cultural da Levada – Tomar

- 6ª edição do Simpósio Internacional de Arte Contemporânea (SIAC 6), Museu da Guarda, Guarda

- “Imagens Cruzadas - Discursos Plurais”, Quarteirão Associativo, Guarda

- XXXVI Salão de Outono, Casino do Estoril, Lisboa

2023 – “Percursos” Coletiva Pintura e Escultura, Casino do Estoril, Lisboa

- “Terra Mater”, Casa Museu Casa dos Patudos – Alpiarça

- 7ª edição do Simpósio Internacional de Arte Contemporânea (SIAC 6), Museu da Guarda, Guarda

- XXXVII Salão de Outono, Casino do Estoril, Lisboa

- “Irracional”, Fundación CB, Badajoz - Espanha

2024 – XXXVIII Salão de Outono, Casino do Estoril, Lisboa

2025 – Bienal Internacional Arte de Gaia, Quinta da Fiação de Lever, Vila Nova de Gaia

Colecções:

Museu de Arte Contemporânea de Moscovo – Galeria Status Crosna, Moscovo (Rússia)

Banco Bilbao-Vizcaya, Lisboa

Edinfor- Sistemas Informáticos, S.A., Lisboa

Pousada de Estremoz

Grundfos, S.A. (Dinamarca)

Convento de San Francisco, Badajoz (Espanha)

Siemens, Lisboa

Ayuntamiento de Punta Umbria (Espanha)

Museo Municipal Lopez Villaseñor de Ciudad Real (Espanha)

Campo de Golf VilaSol (Algarve)

Casfil, SA, Vila das Aves (Guimarães)

Museu do Mármore (Vila Viçosa)

Prémios:

1999 - Prémio do Concurso de Embelezamento de Espaços Escolares – Escola António Augusto Louro, Seixal

2001 - VIII Prémio Ibérico de Escultura – Prémio Torre Almenara, Punta Umbría, Espanha

2001 - X Prémio “López Villaseñor de Artes Plásticas”, – 3º Prémio – Ciudad Real, Espanha

Obra Pública:

“Homenagem a João Silva”, Vila Viçosa

“Tlaloc – Deus da Chuva”, Parque de Esculturas de Saint Pont de Thomière, Castre, França

“Sem Título”, Vila Sol Spa & Golf Resort, Vilamoura, Algarve

“Rainha”, Nisa

“Parceria” Vila das Aves, Guimarães

Edições:

1998 - Múltiplos “Laços”, Enes - Galeria de Arte, Lisboa;

1999 - Múltiplos “Parceria ”, Tracy International, Lisboa;

2000 - Múltiplos “Liderança”, prémio para empresas associadas da “APCRI” – Associação Portuguesa Capital de Risco, Lisboa;

- Múltiplos “Duetos”, Edisoft S.A., Lisboa;

2006 - Múltiplos “Parceria – 25 anos Casfil, SA”, Vila das Aves,Guimarães.

Bibliografia

Callipole n.º 5/6 - 1997/1998, Revista de Cultura, Câmara Municipal de Vila Viçosa

Espaco & Design n.º 34, Ano IV

Casa & Jardim n.º 314, Ano XXVII

Europe art Language, Identità Europa: linguaggi ed artisti a confronto (Itália, UE), 2002

Esculturas em Vila Sol ... arte e natureza, Grupo Atlântica, dezembro 2005

Duas Vidas, Muitas Vidas, Nuno Lima de Carvalho, Estoril Sol III, 2016

NOTÁVEIS CALIPOLENSES - Uma Viagem pela História de Vila Viçosa, Tiago Passão Salgueiro, setembro de 2016

Lagameças, 21.07.2025

Facebook

Ricardo Gigante

Instagram

Ricardogigante44

Website

ricardogigante.pt

RICARDO GIGANTE, ESCULTOR

Rua Santos Jorge CCI 11338 Lagameças 2065-261
Poceirão, Palmela, Portugal

Tlm: 00351 962 355 663



